

Proposição artística: *Compatriota 066*, Grupo Tibanaré (MT)

Crítica em processo

Por Irmair Chaves (Neneto)

Elenco: Espectadores-compatriotas, espectadores que recusaram o papel de compatriotas, Jeferson Jarsen e Vinni Hoffman.

Espectadores-compatriotas antes da cena. Na parte de trás do teatro, se vestem de branco, ordenados por integrantes do grupo Tibanaré que lhes orientam com algumas regras: entrar sem sapatos e sentar só depois da execução do hino.

Espectadores-compatriotas entrando em cena. Ao passarem por uma porta, são recebidos pelo ator Vinni Hoffman, vestido igual aos espectadores compatriotas, com um abraço apertado dizendo: seja bem-vindo compatriota.

Espectadores-compatriotas em cena: Entrando no espaço de representação instalado no palco do teatro, cada um fica em pé diante da cadeira onde, segundo instruções, só podem sentar depois da execução do hino.

No palco está o “compatriota 066” (Jefeson Jarsen), com uma garrafa de pinga e um copo pequeno na mão, tomando umas doses e esperando o público entrar na sala.

Após alguns minutos, não tendo sido tocado o hino, ele quebra o protocolo, ordenando a todos que se sentem. Alguns ficam de pé, mas em seguida também se sentam em cadeiras trazidas naquele momento. O compatriota 066 oferece um brinde passando um copo de pinga e, depois, derrama a sobra da bebida sobre sua cabeça, molhando seu corpo, sua roupa, falando palavras em voz alta, simulando com a garrafa uma punheta.

Vai até a cadeira que está no palco sem ninguém, sobre a qual há um paletó dependurado, pega-o e o veste. De um dos bolsos da calça tira alguns grãos e os coloca na boca. Do outro, tira uma sacola de plástico e amarra na cabeça

em uma tentativa de suicídio. Depois, devaneia em voz alta até que, já quase sem respiração, tira a sacola evitando o sufocamento.

Pega um espectador-compatriota pelas mãos, leva-o ao centro do palco e pede-lhe um abraço; abraçam-se ao som de uma música.

Percebendo o desconcerto do espectador-compatriota, tenta dialogar, levando-o a sentar-se na cadeira que está no palco. Com sua cabeça no colo do espectador-compatriota, o compatriota 066 faz lamentações e, depois, começa a cantar uma música fazendo com que os demais espectadores-compatriotas o acompanhem quando então passa a rodar até cair no chão. Em seguida, ele pede a esse espectador-compatriota chamado à interação direta que cole na sua roupa as rosas que estavam no palco como parte do cenário, florindo as costas do seu paletó.

Em seguida o compatriota 066 leva o espectador-compatriota de volta ao lugar onde estava sentado. Vai até o microfone, diz que tem direito de falar, mas do microfone não sai o som, assim mesmo ele começa a falar, até que o ator Vinni Hoffman, o compatriota que está no comando da mesa de luz e som, diz agressivamente: “Fica quieto, é tudo mentira, seu filho da puta”. Cabe a ele jogar os primeiros tomates no “compatriota 066” estimulando os espectadores-compatriotas a fazerem o mesmo com os tomates que estavam estrategicamente colocados embaixo das cadeiras.

Alguns jogaram tomates até o compatriota 066 cair no chão. Mas nem todos. Se havia aqui um espaço para o espectador decidir, alguns tomaram a decisão de não assumir o papel de espectador-compatriota. Recusando tal função, passaram a ser apenas e plenamente espectadores, talvez se possa dizer espectadores-conscientes, não só por assumir papel fundamental na arte teatral, o de espectador, sem o qual não existe teatro, como também o de recusar a violência mesmo quando um dispositivo parece criado para estimular a agressividade coletiva.

Após a cena dos tomates, diante de uma espectadora-compatriota, o compatriota 066 pergunta:

- Você pode me dizer em que mês estamos?

Ela responde: - No mês de setembro.

Ele vai até outra espectadora-compatriota e diz: - Eu gosto de jardins e, sai de cena.

Sem saber o que fazer os espectadores-compatriotas e também os espectadores ficam uns cinco minutos esperando alguma coisa, até que alguém se levanta e sai do palco, acompanhado pelos outros espectadores, compatriotas ou não, finalizando o espetáculo.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*